

SIGNIFICADO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO BIOCÊNTRICO: O BEM, ENQUANTO DESEJÁVEL, EXPLICA A CAUSALIDADE FINAL

Agostinho Della Vecchia

Resumo

Em seqüência aos artigos anteriores publicados nesta revista (www.pensamentobiocentrico.com.br Estruturas do Pensamento Pedagógico Biocêntrico, 2008 e Estruturas Expressivas do Pensamento Pedagógico Biocêntrico, 2008) entramos na quarta dimensão de abordagem sistêmica do conhecimento pedagógico biocêntrico e da afetividade. Trata-se de considerar o significado da Afetividade e do conhecimento na vida humana como fator de integração em todas as dimensões da realidade da vida humana em que se expressa dinamicamente. A Afetividade não é um organismo vivo, mas a primeira e grande característica da vida, expressa como potencial no ser individual e no grupo humano. A vivência da Afetividade é momento originário e constitutivo de relações que tendem a se estabilizar e formar um modo de ser e de viver, um conhecimento, uma cultura em rede. Por isso é a base estrutural do conhecimento (TORO, 2000). Os dois temas na abordagem do significado, estão integrados em complexidade. A finalidade da vivência afetiva é o conhecimento e a expressão da vida. Explicitamos alguns pressupostos do Pensamento Pedagógico Biocêntrico como o Princípio Biocêntrico (TORO, 2000), a Teoria da Complexidade (EDGAR MORIN), a Teoria da Teia da Vida e a Educação Dialógica. Em seguida, os antecedentes históricos da Visão Teocêntrica (ZANOTELLI, 2003), da Visão Antropocêntrica servem para relacionar e distinguir com a Visão Biocêntrica. Finalmente expusemos o significado implícito no Pensamento Pedagógico Biocêntrico.

Palavras-Chave: Significado, Finalidade, Sentido Último, Pensamento Pedagógico Biocêntrico.

1. INTRODUÇÃO

A finalidade, em geral, é aquilo por que o efeito é produzido. É, então, o resultado da ação, é a originária intenção realizada uma vez que dirigiu toda a série das operações, sob este aspecto. Aristóteles diria que ela é então *causa das causas*. O fim é, então, ao mesmo tempo, o princípio e o termo da ação. Por sua natureza a causalidade final tem a propriedade de mover o agente a produzir alguma coisa. *É, então, fundamentalmente, o bem enquanto desejável que explica a causalidade final*. Eis por que se afirma que o fim e o bem são convertíveis (ABBAGNANO, 1960).

Retomando o que foi tratado nos artigos anteriores e em resumo Capra, ao falar das organizações, coloca que as *mudanças estruturais do padrão em rede de uma organização são compreendidas como processos cognitivos que, por fim, dão origem à experiência consciente e ao pensamento conceitual, simbólico, axiológico e político*. Nenhum desses fenômenos cognitivos é material, mas todos são incorporados, nascem de um corpo e são moldados por ele. Isso significa que a vida nunca está separada da matéria, muito embora suas características essenciais – organização, complexidade, processos, etc... – sejam imateriais (CAPRA, 2002:103).

Assim podemos entender que a afetividade na forma potencial originária, no seu movimento, nos grupos em teia de relações resultantes, a expressão da Afetividade passa sempre pela corporeidade. Um olhar de ternura, de raiva, de ódio; um toque de cuidado, de carícia, um abraço com desvelo, um presente, uma fala de qualificação; um ato de amor, de entrega, de fusão tem sempre uma expressão corporal, expressão material, dando origem ao conhecimento conceitual, axiológico, estético e político na subjetividade de cada um e do grupo.

Dessa forma todo conhecimento passa por nosso corpo, por nosso afeto e é nele elaborado pensando a ação social em vista de uma finalidade.

Para Capra, a compreensão sistêmica da vida, e eu acrescento, da Afetividade e do conhecimento decorrente, pode ser aplicada ao domínio social, acrescentando o ponto de vista do significado aos outros três pontos de vista. Significado é expressão sintética do mundo interior da consciência reflexiva, possui uma multiplicidade de características inter-relacionadas (CAPRA, 2002:103). A vivência afetiva do grupo, a constituição das formas materiais de expressão no corpo e nos corpos de cada grupo gera a consciência, os conceitos, as avaliações, as apreciações e as decisões de cada um e do grupo. Aí se encontra a finalidade construída no mundo da subjetividade. Essas dimensões focadas na ação educativa centrada na vida originam o Pensamento Pedagógico Biocêntrico

Inicialmente explicitamos os pressupostos que devem ser utilizados para uma abordagem do pensamento pedagógico biocêntrico e do seu significado.

2. PRESSUPOSTOS PARA UMA ABORDAGEM DO SIGNIFICADO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO BIOCÊNTRICO.

O Primeiro pressuposto é a Epistemologia Biocêntrica. Qual o significado da palavra Epistemologia? Epistemologia ou teoria do conhecimento se origina do grego episteme, ciência, conhecimento; logos, discurso. É um ramo da filosofia que trata dos problemas filosóficos relacionados à crença e ao conhecimento. Em educação e filosofia da educação seria o estudo crítico dos vários métodos didático-pedagógicos.

A epistemologia biocêntrica é um processo de conhecimento integrador da razão, da emoção, dos sentidos e dos instintos. Processo aberto, crescente, complexo, em rede. A epistemologia tradicional é linear e centrada sobre a ordem lógica e matemática. Seu suposto básico é uma visão mecanicista do universo. A epistemologia biocêntrica integra a visão linear nas dimensões da própria natureza e suas leis fixas e ultrapassa a visão mecanicista com uma visão centrada na vida, complexa, crescente e em rede.

Um dos pressupostos é o Princípio Biocêntrico. O universo é considerado um organismo vivo em processo de caos – filogênese – ontogênese (TORO, 2005) (antropogênese) em convergência integradora orientada pela amorosidade, expressa no movimento da força da vida, ampliada pelo princípio criativo, realizada na concretização viva do desejo mais profundo, conservada pelo princípio da reprodução e auto-poiese, harmonizada pelo princípio da integração e transcendência. Em tudo um movimento aberto, integrado, crescente, evolutivo.

De uma forma simbólica e poética podemos dizer que o princípio biocêntrico emerge em nós na percepção profunda, emocionada e vibrante da vida, efervescente em nossos corpos, em nosso ser, e no universo. A vida se deixa sentir como uma dança cósmica que perpassa nossas células, nossas vísceras e o universo em movimento integrado. A vida se faz uma força poderosa que tudo mobiliza pela amorosidade, nos acorda no contato e no vínculo, nos protege e alimenta no amor. É a certeza que brota dos impulsos instintivos, dos desejos mais radicais e do desfrute do prazer de nossas ações. Ela fala pela força criativa e re-criadora que se estende pelos campos, pelas matas, pelas nossas mentes, pelas nossas mãos, nos úteros fecundos. É a vida que impregna as palavras de poesia, as cores do universo, os acordes das músicas de amor, de celebração e de indignação. É a vida que flui no espaço, se recolhe no silêncio e saúda no amanhecer. A vida na razão de viver, de trabalhar e de transformar; a vida como harmonia e ultrapassagem. A vida sempre além dos horizontes de qualquer projeto. A vida nos passos ensaiados, no sorriso da criança, no caminhar firme do adulto e na sabedoria do idoso. A vida nos alimentos, a vida no vento, a vida nas águas e nos rochedos; a vida em milhões de seres que se movem no planeta; a vida na brisa, nos oceanos e no profundo dos pensamentos soltos. A vida que irrompe no mistério dos olhos felizes, nos sorrisos, nos rostos transfigurados. A vida que se torna exigência absoluta de cuidado no rosto do pobre, do oprimido, do excluído e do enfermo. Profunda e vibrante emoção de simplesmente existir. A visão biocêntrica emerge da Vivência do Princípio Biocêntrico

Outro pressuposto é a Teoria da Complexidade (E. Morin); e a teoria da Teia da Vida (F. Capra) Ambas têm uma visão do Univer-

so como um organismo vivo e oferecem meios teórico-metodológicos operacionais para a construção do conhecimento, considerando a realidade do universo como totalidade viva, a sociedade humana e as organizações como organismos cuja ação resulta num pensamento vivo (viver é pensar, pensar é viver) originado da reflexão sobre a ação, cujo resultado é o conceito, os valores, a expressão estética, o pensamento político e pedagógico.

A teoria da complexidade em Morin se configura como uma visão de mundo complexa e de forma pratica como uma epistemologia, como uma teoria do conhecimento em torno do método do pensar complexo. A complexidade é um instrumento epistemológico e operacional que tem como horizonte uma visão do universo como um organismo vivo. Propõe a abordagem dos conhecimentos e da realidade como redes integradas e complexas.

Complexo vem do latim *complexus*, do verbo *complectere*, quer dizer: “Aquilo que é tecido em conjunto”. Não se trata de oposição entre o simples e o complexo.

A teoria da complexidade em Morin dá conta de operadores da complexidade. O primeiro é o operador dialógico e não dialético cuja ação é juntar as coisas, entrelaçar coisas, que aparentemente estão separados. Uma dessas ações seria entrelaçar a razão e a emoção, o sensível e o inteligível, o real e o imaginário, a razão e os mitos, a razão, a ciência e as artes, as ciências humanas e as ciências da natureza. Tudo isso é chamado dialogia, ou seja, juntar o que aparentemente é separado. Não tem síntese, não é um pensamento linear, apresentando uma forma de teia em movimento porque, em última instancia considera o movimento do organismo vivo.

Outro, o operador recursivo. No qual a causa produz o efeito que por sua vez produz a causa. É como um anel recursivo, um circuito recursivo. O modelo teórico da Biodanza apresenta uma espiral com movimentos de transtase, de ultrapassagem.

Em terceiro lugar, o operador hologramático permite ver de forma integrada, sem dissociar. Quando você “vê”, não consegue dissociar parte e todo, ou seja, a parte está no todo da mesma forma

que o todo está na parte. Então, esses são três recursos que mobilizam o pensamento complexo.

Com estes três operadores você vai construir a noção de totalidade. Totalidade nunca será a soma das partes. No pensamento da complexidade, a totalidade é sempre mais que a soma, eventualmente pode ser menos que a soma. Porque totalidades são sempre abertas. Se elas forem totalidade fechadas, elas serão sempre iguais a soma das partes. Essa idéia de totalidade é fundamental ao pensamento. Tem como pressuposto a idéia do universo como organismo vivo.

O homem fala, fabrica instrumentos, elabora símbolos. O que não aprendemos, é que somos complexos, porque somos inscritos em uma ordem biológica, somos seres produtores de cultura, 100% natureza e 100% cultura.

Em termos de conhecimento a razão nos legou a idéia que: os imaginários, os mitos, as artes não faziam parte da ciência ou o considerado como científico era determinado como racional.

Há conhecimento na literatura, na poesia, nas artes um conhecimento profundo. Podemos dizer que no romance há um conhecimento mais sutil de seres humanos do que encontramos nas ciências humanas, porque vemos os homens em suas subjetividades, suas paixões, seus meios de... Por outro lado, devemos acreditar que toda a grande obra de arte contém um pensamento profundo sobre a vida, mesmo quando não está expresso em sua linguagem. Quando você vê as figuras humanas pintadas por Rembrandt, há um pensamento sobre a alma humana. Portanto, eu acredito que devemos romper com a separação das artes, da literatura de um lado e o conhecimento científico do outro. (MORIN: Videoconferência).

O pensamento complexo também considera que qualquer atividade de qualquer sistema vivo é guiada por uma tetralogia de relações: de ordem, de desordem, de interação e de reorganização. Edgar M. chama tetragrama organizacional. Qualquer sistema vivo sempre foi: ordem, regularidade; desordem: desavenças, emergências; interações, coisas que começaram a interagir que não estavam previstas anteriormente e reorganização para onde o sistema vai... Então: o tetragrama ordem, desordem, interação e reorganização

aliado aos operadores da dialogia, do holograma e da recursividade, constitui o bloco forte, a base fundamental do pensamento complexo. Lembra-nos aqui os quatro movimentos indicados por Aristóteles como constituição da realidade e como momentos da construção do pensamento.

Ao falar da reforma da educação Morin coloca identifica a operacionalidade do processo complexo do conhecimento como transdisciplinariedade que significa um modo de pensar organizador que pode atravessar as disciplinas e que pode dar uma espécie de unidade. O pensamento complexo aposta mais no pensamento transdisciplinar. A visão transdisciplinar é simplesmente a construção de uma meta ponto de vista sobre a vida, a terra, o cosmo, a humanidade, o homem, o conhecimento, as culturas adolescentes, as artes. Isto é que é construção de meta ponto de vista.

Morin indica os sete saberes necessários para a educação: O erro e a ilusão. Conhecimento Pertinente. Ensinar a condição humana. Ensinar a Identidade Terrena. Enfrentar as Incertezas. Ensinar a Compreensão. A Ética do Gênero Humano. Eles não devem ser vistos como um credo a ser aplicado nas escolas e na reforma educacional. São inspirações, modalidades que excitariam o educador a redefinir a sua posição na escola, na sua relação com os currículos, na sua relação com as disciplinas, na sua relação com a avaliação.

Nesse processo incluem-se recusas fundamentais como a separação entre a razão e a emoção, entre ciência e arte, entre ciência e mito, que está incrustada no pensamento ocidental pelo menos desde Descartes. Recusar que o Estado é o único balizador do conhecimento científico. Se você junta essas três modalidades, acopla essas três modalidades aos sete saberes você produzirá currículos muito mais criativos.

A Teoria da Teia da Vida elaborada e apresentada por Fritjof Capra (CAPRA, 1997), pressupõe um universo vivo, em movimento orgânico, crescente, complexo. Acionados os potenciais ilimitados de crescimento do universo, as estruturas novas resultantes permitem o surgimento do conhecimento. Especificamente o movimento da sociedade humana, a ação coletiva de uma organização refletida gera o conjunto de conhecimentos teóricos, técnicos, éticos, estéticos e

políticos. Eles identificam o sentido operacional da ação do homem sobre a natureza, o sentido axiológico da ação humana nas organizações sociais, o sentido de beleza nas relações do homem e o sentido norteador do agir humano em sociedade.

Capra redescobre as categorias epistemológicas aristotélicas da Forma, da Dinâmica, da Estrutura e da Finalidade inerentes à realidade e ao conhecimento (ARISTÓTELES). O autor as reveste de uma visão biocêntrica, complexa, dinâmica, ultrapassando a visão cosmocêntrica do pensamento grego. Integradas à abordagem sistêmica essas categorias se tornam muito fecundas para o conhecimento, particularmente quando se faz a aplicação da teoria da teia da vida na análise das organizações em sua forma, sua dinâmica, sua estrutura e em sua finalidade.

Outro pressuposto é a Educação Dialógica. (CAVALCANTE, R.1999). Onde se organizam as totalidades fechadas como o modo de produção capitalista o método de abordagem apropriado é a dialética. Ao considerar os sistemas abertos o método de abordagem da realidade é a dialógica. Esta foi apontada por Edgar Morin

Reiteramos aqui, entre os operadores da complexidade Morin coloca o operador dialógico, que junta coisas, entrelaça coisas, que aparentemente estão separadas como a razão e a emoção, o sensível e o inteligível, o real e o imaginário, a razão e os mitos, a razão, a ciência e as artes, as ciências humanas e as ciências da natureza. Nesse sentido, tudo isso é dialogia, ou seja, juntar o que aparentemente é separado.

Ultrapassando a relação sujeito-objeto, a dissociação tradicional entre o sujeito e a realidade, na dimensão da educação, Paulo Freire propõe uma educação dialógica. Um diálogo que brota de um processo interrogativo com a realidade e um diálogo de interação entre educador-educando na construção cooperada do conhecimento valorizando a experiência e o pensamento de cada um. A valorização e a qualificação da palavra de cada um, vai facilitando, nos círculos de cultura, o desenvolvimento do potencial de gerar uma consciência crítica e desencadear um processo de politização e de libertação. Conscientização, politização e libertação se fazem sempre em grupo em interação viva de saberes (CAVALCANTE, Ruth, 2008).

Na Educação Biocêntrica o diálogo vai à radicalidade da relação, visando propiciar, além da abordagem dialogada sobre a experiência e vivência social de cada um na construção do conhecimento, o contato e a formação de vínculos afetivos. A formação da rede de relações e de conhecimentos é um processo integrador da razão e da emoção, do sentimento e do conhecimento. O processo de sala de aula é uma pedagogia do amor para a formação humana e científica em vista da cultura da vida. O afeto é entendido e percebido como a base estrutural do conhecimento, fonte de motivação para a investigação.

A Educação Biocêntrica se propõe a formação humana que implica na expressão e desenvolvimento dos potenciais humanos de criatividade, de vitalidade, e principalmente de afetividade e de transcendência, com prazer. Valoriza-se a formação científica e técnica, a construção do conhecimento, o despertar da ética da vida, a expressão estética e a compreensão e formação política, enfim, visa-se construir a cultura centrada na vida.

3. PENSAMENTO PEDAGÓGICO BIOCÊNTRICO ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Para um melhor entendimento da abordagem teórica que estamos realizando, vamos fazer um ensaio sobre a natureza e funcionamento de um processo de construção do pensamento pedagógico biocêntrico em vista de sua finalidade em sala de aula.

A Educação Biocêntrica não se reduz à sala de aula. Porém, considerando-se essa realidade, hegemônica em determinados aspectos da Educação hoje, prioritariamente na transmissão da cultura e dos conhecimentos técnicos acumulados, vamos focar essa instituição educativa.

Podemos considerar que o habitual da educação institucionalizada é a preocupação com a reprodução do conhecimento, da cultura e dos objetivos ideológicos, políticos e econômicos da sociedade organizada de acordo com o modo de produção capitalista, seus aparatos políticos, econômicos e ideológicos. O modelo de homem

visado é o modelo da subjetividade moderna. O paradigma que orienta a maioria das atividades pedagógicas em função do conhecimento e da formação do homem desejado é o paradigma antropocêntrico.

Para falar da Visão Biocêntrica que emerge para inaugurar o Terceiro Milênio, caracterizemos as visões que sustentaram o mundo medieval e o mundo moderno: o Teocentrismo e o Antropocentrismo.

O que prepara e antecipa e provoca a visão de homem antropocêntrica é a Visão Teocêntrica, visão que se origina do amálgama do cristianismo com a cultura Greco-romana e que deu origem à cultura moderna é a cultura atual. A Idade Média Européia foi o útero que gestou a cultura moderna e atual.

3.1. Visão Teocêntrica

No processo histórico, social e cultural, muitas vezes o surgimento do novo é antecedido pelo inquietante movimento provocado por uma cultura de opressão, alienação, exploração e dominação. Novas formas de agir, de pensar e de se expressar emergem em oposição ao estabelecido como verdadeiro, legítimo, válido e bom.

O pensamento pedagógico biocêntrico não compactua e se distingue do Visão Teocêntrica e seus conseqüentes pensamentos pedagógicos de tradição essencialista.

A Idade Média foi marcada pela gênese, estabelecimento e vigência de uma visão de mundo e por um "estado de coisas" que caracterizou o Ocidente como um todo, até a década de 1960: o que se chama de Estado de Cristandade.

A partir do Edito de Milão (313 d.C.) que declarava livres os cristãos do Império, iniciava-se o processo de fusão do Império Romano e do Cristianismo originando o Estado de Cristandade. De 313 a 800 é o período histórico em que se constrói o Estado de Cristandade. O Império Romano segue um processo rápido de decadência e desaparecimento, enquanto a Igreja vai assumindo as características do Império Romano numa versão, marcada pelo Teocentrismo.

Na Visão Teocêntrica tudo se define, se explica e se interpreta em Deus, o qual assume as feições desejadas pelo crescente poder dominante da Igreja e dos proprietários da terra. O teocentrismo marcará os arquétipos culturais vigentes naquele período e no período posterior. Economicamente o trabalho será visto como pena, castigo, redenção da culpa originária. O trabalho manual revelava a mais ínfima situação social (ZANOTELLI et al. 2001: 33).

A marca aparece no arquétipo da propriedade. Ser homem é ser proprietário dizia a cultura indo-européia greco-romana. A propriedade definirá a organização e o funcionamento da sociedade medieval e da Europa moderna imperial conquistadora. Na Idade Média ganhará o caráter de legítima, justificada e sacralizada pelo poder religioso e permanecerá assim até hoje. A propriedade constituirá o valor definidor da economia, da política, da educação, da religião, do ser de cada um ou de um grupo. O acúmulo da propriedade é o critério da riqueza, o fundamento do poder político, o sentido da educação, a expressão da bênção, o delimitador da condição social da servidão, da escravidão, do assalariado, da condição social mais elevada.

A religião da cristandade ideologicamente será sacrificialista em função da propriedade. No capitalismo o sacrifício da frugalidade é condição de aquisição da propriedade e da riqueza.

Politicamente o Estado de Cristandade será um Estado absoluto que exigirá uma obediência e um "consenso" absolutos, que darão um caráter de fetiche às instituições, às normas, aos ritos religiosos ou outros. Poder como sinônimo de ser. Tudo é de Deus. Dele é todo o poder. O papa como delegado de Deus tem o poder das chaves do céu e da terra: o poder espiritual e o poder temporal. O poder religioso é traduzido em categorias gregas como poder absoluto ao qual se deve irrestrita e cega obediência; poder de vida e de morte que é exercido na arbitrariedade do detentor do cargo. Poder de interpretar, de organizar a sociedade, de controlar, de excomungar, de condenar à morte ou de perdoar. Um exemplo bem evidente deste poder foi o da Chamada "Santa Inquisição". Nesta organização os leigos passaram a ser excluídos e marginalizados, proibidos de participar. O arquétipo do poder é sacralizado. Ser é poder. O poder é

divino. Participar do poder é participar da divindade. O poder tudo justifica. Quem tem o poder tem a graça.

Ressaltemos muito embora o poder do amor, da fraternidade, da misericórdia é interpretado politicamente como propriedade, existe outra linha de pensamento representados em S. Francisco de Assis, Santa Clara, Bartolomé de las Casas...

Familiarmente somam-se nesse arquétipo o machismo indoeuropeu e o patriarcalismo semita. Na perspectiva semita o patriarcalismo se opunha à visão profética de alteridade e liberdade.

O individualismo é outro arquétipo que nasce e se constitui no seio da Idade Média como solidão da auto-suficiência.

A liberdade como arquétipo semita e cristão, enquanto dom, liberação, entrega à alteridade sagrada do outro, que não cabe no controle e na manipulação de nossa mão, e que só se alcança pela confiança e pelo ouvir dialógico, essa liberdade unida à propriedade transformar-se-á em subjetividade. Eu sou um eu que se basta a si mesmo, que coincide consigo próprio e por isso é espírito, que constitui o sentido de tudo e constitui os outros como um outro eu diante de si e para si mesmo. O eu é livre porque se desliga, se descoberta do universo, dos outros, como auto-suficiência de sentido e de ser. (ZANOTELLI et al. 2001:75).

A cristandade sacralizou a dependência sob a forma de obediência, gerando em reação a autonomia do homem moderno como solitária auto-suficiência.

Religiosamente o arquétipo do leigo surge no Estado de Cristandade, onde significa ser marginalizado. O leigo, enquanto "vacionado" para o trabalho está na periferia. A própria lógica do Estado de Cristandade operou a marginalização do leigo. De participante efetivo na comunidade eclesial do cristianismo primitivo o cristão leigo, na estrutura da Cristandade ocupa o lugar mais periférico.

O sentido ou a finalidade do pensamento pedagógico medieval, expresso em sua consciência, em sua percepção de mundo, em seus conceitos, valores, apreciações da beleza e pensamento político

é um sentido de sacralização do pensamento, da cultura, dos valores moais, estéticos e políticos da elite no poder. Uma elite constituída pelos senhores das terras e do poder religioso, do poder político e do poder social.

Um caráter sagrado é dado às verdades apropriadas pela instituição eclesial em nome de Deus e caracterizadas como “dogmas”, ditadas como determinações absolutas. Isto servia de fundamento ideológico e operacional do poder vigente. O teocentrismo foi um arranjo de caráter religioso para não ser questionado e para servir de sustento às estruturas e à cultura vigentes.

Em primeiro lugar a classe social dos servos e dos escravos está completamente excluída das possibilidades da educação escolar. Os cristãos não podem mais participar das celebrações litúrgicas. Eles passam a assistir missa em vez de participar e refletir comunitariamente o Evangelho. Este era interpretado nas prédicas dos púlpitos segundo os interesses do contexto dominante.

Em lugar de uma ética evangélica é apregoada uma moral. Medo, ameaça do inferno, negação dos instintos e do corpo atinge principalmente a sexualidade e a afetividade das pessoas. Isso tem a finalidade de neutralizar a capacidade política das pessoas. Passam a ouvir a prédica do padre de forma passiva e submissa. Não são mais evangelizados e sim catequizados. O leigo agora é sinônimo de anonimato, sinônimo de estar por fora. A cultura se recolhe para os mosteiros e os religiosos são aqueles que têm possibilidade de acesso ao saber. Este saber é vigiado e manipulado por uma rigorosa exigência de poder e controle ideológico.

Hoje ainda vivemos com a presença e incorporação dessas formas medievais de significados. Quando biodanza propõe dançar a vida, significa ativar, mediante a dança, potenciais afetivos e de comunicação que nos conectem a nós mesmos, com os semelhantes e com a natureza. Diante disto percebemos a reação de uma pessoa centrada em valores tradicionais perguntar: “como dançar vai ser mais importante que sofrer?” São pessoas que entendem que a dor é o grande mestre, que o prazer é um pecado, pior que o homicídio. Há séculos se recomenda isolamento, penitência ou abstinência como métodos de desenvolvimento ou aperfeiçoamento. O capital reco-

menda poupança e frugalidade para enriquecer. O corpo é considerado o sepulcro da alma. Promete-se uma vida verdadeira ao renunciar a esta. A profunda dissociação e preconceito para com o corpo estão simbolizados na cruz, ao lado das igrejas: “salva tua alma”. Ao pensar essas coisas Carlos Garcia (2008) tem afirmado o seguinte:

Sí, así há sido, y qué nos há traído? Pues a simple vista, uma de las civilizaciones que más há cultivado el resentimiento, la desconfianza e la represión, una de las más destructivas, dissociadas y sanguinárias que haya visto la historia de la humanidad, la única capaz de destruirse a si misma de uma vez y para siempre. Y todo bajo argumentos tales como el amor a Dios, el amor a la verdad, la razón de Estado, etcétera (GARCIA, 2008:22)

Segundo o mesmo autor o que se considera de valor mais importante em nossa cultura é colocado e incorporado como horizonte em nossa existência: a dor, o sacrifício, a renúncia e a morte. Propor a dança é um escândalo. Muitos amigos e colegas entendem que a Biodanza não tem um compromisso social transformador. Entendem que Biodanza propõe uma ética, mas não a concretiza. Enquanto a Biodanza é uma atividade eminentemente social, sempre se realiza em grupo, num processo onde se busca a expressão e o desenvolvimento da identidade individual e de grupo. O individual nunca é só. Somente o comprometimento amoroso e ético com o outro na Biodanza nós crescemos.

Biodanza é a primeira operacionalização da visão biocêntrica, da aplicação do princípio biocêntrico. A Educação biocêntrica que se realiza num processo dialógico e de comprometimento profundo é a segunda expressão. Biodanza e a Educação Biocêntrica somente funcionam nessa condição de profunda amorosidade. Importante saber que o processo transformador de Biodanza somente ocorre quando é sustentado por um amor autêntico e incondicional do facilitador. Para Yung o processo terapêutico ocorre quando o terapeuta se compromete com o paciente (Jornada da Alma).

Na sua forma originária o conhecimento detido nos mosteiros, na sua pretensão é de natureza dissociada da afetividade. Herdeiro do pensamento grego, da filosofia aristotélica e platônica, o conhecimento medieval pretende ser puramente racional. A corporei-

dade é negada e desqualificada como perigo e ameaça para a salvação da alma.

Ultrapassada a Visão Teocêntrica Medieval, surge a versão laicizada desta visão cujo núcleo explicativo e interpretativo é o homem como subjetividade. O homem, nas características vividas e pensadas pela burguesia passa a ser o centro do universo, por todo o período moderno e contemporâneo. Houve transmutação e incorporação dos mesmos mecanismos de dominação, expressos no universo medieval em novas formas de leitura do mundo, de elaboração de valores, de simbolizações do poder, de expressões e movimentos artísticos.

3.2 Visão Antropocêntrica

A visão antropocêntrica da história, do mundo, da vida é engendrada a partir das experiências de expansão e conquista de novos caminhos para as Índias e da descoberta de novos continentes, da expansão da Europa. Trata-se de uma experiência vivencial de poder que origina também uma forma de pensar, um conjunto de valores, de estética de linguagens do poder que se expande.

À margem e contra a visão teocêntrica surge um pensamento que compreende que o homem é o centro do universo. Este homem se configura como uma subjetividade, uma sujeitidade que olha o mundo e a realidade como objeto separado dele. Para o sujeito tudo que existe é objeto. E o objeto é objeto de manipulação à sua disposição.

Esta visão da realidade como objeto tem como pano de fundo uma visão mecanicista do universo. O desenvolvimento do método científico, da ciência e da técnica vai mostrar cada vez mais a eficácia da intervenção do homem sobre a realidade. O suposto é que tudo pode ser medido, pesado, manipulado. A Física à frente desse processo e inspirando o método de abordagem das outras ciências, comprova cada vez mais a veracidade de suas leis, levando a burguesia a acreditar cada vez mais nos seus sonhos prepotentes. A realidade material é objeto de manufatura e de indústria. A realidade social e humana é objeto de técnicas próprias de manipulação. A terra não é

mais vista como Terra-mãe, como irmã, mas como objeto de exploração sem limites.

A propriedade, arquétipo definidor das culturas indo-europeias e a liberdade, arquétipo fundamental das culturas semitas, fundidos no Estado de Cristandade como sacralização, transformam-se nos arquétipos de identidade da idade Moderna. A Idade Moderna será a laicização do Estado de Cristandade e de seus arquétipos (ZANOTELLI et al. 2001:34).

O homem concebido como subjetividade é percebido como um indivíduo fechado, auto-suficiente e que basta a si mesmo. Associado à idéia de propriedade como liberdade, este homem tem a competição na raiz de suas relações. Cada proprietário é livre dentro de sua propriedade, não tem que prestar contas a ninguém. Ele pode usar e abusar da mesma sem ter qualquer exigência ética que o limite. O homem é feito para ser proprietário. Proprietário da terra, dos meios de produção, dos produtos e das mercadorias, do poder, do conhecimento, da mulher, de Deus, de si mesmo. E o acúmulo da propriedade não tem limites. O outro aparece então como possível inimigo que pode invadir a propriedade. Estou sempre sob a ameaça do outro que compete comigo. É legítimo lutar por todos os meios para ser proprietário.

A propriedade não é só identificada com a liberdade e sim também com a realização. Ser é ter propriedades. A identificação do ser com o ter, originária dos indo-europeus, é algo possível com a mediação da força e do saber. O saber é a principal arma de conquista, pois ele permite à técnica, o domínio, a propriedade, o ter.

Esse reducionismo do ser ao ter está relacionado a uma visão dissociada do ser humano e que separa mecanicamente, desde Descartes, o corpo da alma. A alma identificada com a razão é propriamente o núcleo essencial do ser humano. Essa razão é lógica e matemática, voltada para o poder de manipular a realidade e domina-la. Um dos princípios dessa razão “científica” é a submissão e domesticação da natureza para ser transformada e apropriada.

O mundo dos afetos, da corporeidade, da sensibilidade, da integração vivencial com o universo é negado como fraqueza e debi-

lidade humana. Nenhuma instituição pode ser permeada pela emoção, pelo amor, pela ternura, pela sensibilidade. Elas têm como coluna de sustentação o poder e a propriedade. O fundamento das relações é a competição. A negação das possibilidades do prazer é um dos meios mais potentes para neutralizar o potencial político de uma pessoa, de um grupo, de um povo.

O principal instrumento de poder do homem moderno foi o desenvolvimento científico e técnico o que permitiu a ampliação dos domínios e manipulação econômica, política, educativa, sexual, recreativa e religiosa. Assim, o trabalho foi reduzido à força produtiva do capital, transformando-o rapidamente em algo supérfluo. Como o homem se reduz à força do trabalho, no mercado globalizado, exclui-se o homem e o trabalho como supérfluos. A propriedade definirá a organização e o funcionamento da sociedade moderna.

A sacralização da propriedade... originará, na Europa Moderna: 1. um novo fazer (a produção capitalista do mercado em função de si mesmo e de sua reprodução cumulativa); 2. um novo poder (a democracia liberal auto-fundamentada no poder popular e hegemônica pela direção burguesa e laica; 3. um novo saber (a ciência moderna matemático-experimental que multiplicará a eficiência econômica e a filosofia da subjetividade); 4. uma nova ética e religião do âmbito privado e do privilégio da predestinação (ZANOTELLI et alii. 2001:40).

Assim, da propriedade econômica e sua exploração decorrem o domínio político e a alienação cultural. O universo como objeto de apropriação será modelo para a Idade Moderna. A subjetividade moderna enquanto poder de autodeterminação é levada à deificação. As relações sociais e a organização da sociedade, a dimensão sexual do homem será marcada pelo arquétipo da propriedade (ZANOTELLI et al. 2001:42).

Ao percorrer a estrutura da sociedade moderna em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais os encontraremos permeados pelo modelo de uma produção capitalista, por relações de produção competitivas, por um intenso jogo de luta pela conquista e pela manutenção do poder, por um mercado que auto-reproduz a propriedade, por uma organização social de classes, pela sacralização

do poder, o conhecimento como instrumento de poder, uma religião e uma ideologia sacrificialistas e por um dualismo antropológico e ético, pelo isolamento individualista, por um Estado leigo.

Muitos outros exemplos e desenvolvimentos poderão ilustrar efetivamente a visão antropocêntrica. Esta visão sustentou o processo histórico de surgimento, desenvolvimento e expansão globalizada de um modelo de ser e de viver de catastróficas conseqüências para o planeta e para a humanidade.

Assim se configurou o sentido científico e filosófico do pensamento moderno. O sentido político se expressou nos pensamentos em defesa do poder absoluto dos reis em Maquiavel, Thomas Hobbes e tantos outros que compreendiam que as decisões são propriedade de um senhor absoluto, identificando o Estado com o Rei e identificando os cidadãos como inimigos, os homens seriam lobos para os outros homens. O mesmo sentido de autonomia solitária, prepotente e absoluta deu azas ao mercado e à livre competição econômica. Na verdade é a guerra mais brutal incorporada que origina todas as formas de exclusão

O sentido da ética burguesa e os valores econômicos vão ser elaborados em defesa da propriedade. A guerra econômica, política, militar, ideológica vai ser total e implacável em função da propriedade. A sensibilidade e o amor serão desqualificados e os homens passarão a se isolar cada vez mais em suas patologias. Surge a cultura da morte, do desprezo, da solidão depressiva e tantas outras seqüelas da negação da vida. O sentido fundamental do existir consiste em acumular riquezas, propriedades, poder e saberes que garantam e legitimem a situação.

Então: ser=saber=ciência=técnica=domínio=propriedade = ter. O ser é identificado ao ter. A abundância é negada pela frugalidade e pelo sacrificialismo da poupança.

Em todas suas características construiu-se uma cultura da morte, da dor, do desamparo, da solidão, desarmonia, do dissabor de se viver.

3.3 Visão Biocêntrica

A Visão Biocêntrica é a visão centrada na vida. O paradigma de ação, o referencial do pensamento, o indicador dos caminhos é a própria vida. O universo e tudo o que existe, existe, se movimenta, se expande, vibra, dança, cria a beleza e o novo centrado na vida. Em 1997 Capra lembrava que a crise do homem moderno não é uma crise de conhecimento e sim de percepção. Segundo Cezar Wagner trata-se de um *perceber diferente e amplo como o vôo da águia que vê o vale como um todo e vê os detalhes do vale sem deixar de voar e de fluir*(GOIS, 2003:12). Esta visão de conjunto é a visão sistêmica, a visão da complexidade da vida e de todas suas manifestações entrelaçadas, em movimento criativo e transcendente.

O conhecimento se apóia em paradigmas que procuram explicar e organizar nossa percepção da realidade. Por isso *o desafio é distinguir a realidade do conceito, ultrapassar a inércia conceitual e existencial, enfatizar a interação criativa entre o método, o empírico e o teórico, entre o sujeito, o cotidiano e o conceito* (GOIS, 2003:12).

Numa visão de complexidade se requer uma nova percepção do universo. O complexo nos desafia a um novo modo de pensar e a uma ordem nova, de grande beleza, profunda, irreversível e imprevisível em sua totalidade (GOIS, 2003:12). A ciência mostra sucessivas superações epistemológicas e metodológicas.

Conhecer a realidade é um desafio e quanto mais se conhece mais perguntas são feitas. Conhecer é um processo onde a realidade está sempre um pouco mais além do que pensamos acerca dela e que dentro das próprias teorias científicas existe um enorme espaço que não o é científico, porém o é indispensável para o desenvolvimento das ciências (GOIS, 2003:13). Caminhamos para um horizonte e não para um final (GOIS, 2003:14).

4. PENSAMENTO PEDAGÓGICO BIOCÊNTRICO: SEU SIGNIFICADO

Já o dissemos, em artigos anteriores abordamos o Pensamento Pedagógico Biocêntrico em sua natureza, dinâmica, estrutura de relações. *Nesta quarta dimensão de abordagem sistêmica* da afetividade e do conhecimento trata-se de considerar o significado da Afetividade na vida humana como fator de integração em todas as dimensões da realidade em que se expressa dinamicamente na vida e no conhecimento subjetivo resultante e que define, que valoriza, que aprecia, que orienta e permite a decisão. O fator de integração é o afeto. A Afetividade, dissemos, não é um organismo vivo, mas a primeira e grande característica da vida, expressa como potencial no ser individual e no grupo humano. A vivência da Afetividade é momento originário e constitutivo de relações que tendem a se estabilizar e formar um modo de ser e de viver, um conhecimento, uma cultura em rede, e um sentido para a existência.

Ao falar do sentido inerente a uma organização de pessoas integradas, Capra, didaticamente nos esclarece esse movimento de constituição da finalidade de sua ação, no processo vivo de uma organização:

No fenômeno social nos deparamos com regras de comportamento, valores, intenções, objetivos, estratégias, projetos, relações de poder que ocorrem praticamente no mundo humano. Partilham todas de uma característica básica que nos proporciona um vínculo natural com a visão sistêmica da vida (CAPRA, 2002: 86).

A autoconsciência surgiu na evolução dos nossos antepassados hominídeos, junto com a linguagem, o pensamento conceitual, o mundo social dos relacionamentos organizados e da cultura. A consciência reflexiva está ligada à da linguagem e ao contexto social desta e também, a compreensão da realidade social está inextrin-

cavelmente ligada à da consciência reflexiva. (CAPRA, 2002: 86).

Especificamente:

A nossa capacidade de reter imagens mentais de objetos materiais e acontecimentos (e de vivências como a afetiva-inserção nossa) parece ser uma condição fundamental para o surgimento das características fundamentais da vida social. A capacidade de reter imagens mentais nos habilita a escolher entre diversas alternativas, o que é necessário para a formulação de valores e de regras sociais de comportamento. Os conflitos de interesse baseados na diferença de valores estão na origem das relações de poder. As intenções, a consciência de uma finalidade e os projetos e estratégias necessárias para a consecução de objetivos – todas essas coisas exigem a projeção de imagens mentais para o futuro (CAPRA, 2002: 86).

O mundo interior dos conceitos, idéias, imagens e símbolos é uma dimensão essencial da realidade social e constitui o “caráter mental dos fenômenos sociais”, “dimensão hermenêutica” (CAPRA, 2002:86). A linguagem humana, por ser simbólica, envolve a comunicação de um significado e as ações humanas decorrem de um significado que atribuímos a um ambiente que nos rodeia. O fator essencial de conhecimento que nos leva a atribuir um significado a tudo o que nos rodeia é vivência da Afetividade originariamente como fenômeno de afetar e ser afetado em nosso contato com o mundo. Por todas as coisas pelas quais somos tocados, somos mobilizados à aceitação, ao agrado, à empatia ou à rejeição.

Nesta dimensão de significação consciente e vivencial, aborda-se o sentido da Afetividade, desse todo vivido, conscientizado, tornado expressão racional e poético-vivencial. Biocentricamente um sentido que se efetiva na satisfação ou crescente ampliação de uma

qualidade de vida, um sentido de abundância e de saciedade que brota do mais profundo da natureza afetiva do nosso ser. Todo conhecimento é incorporado nesse processo e toma a configuração dos valores, dos sentidos expressos, dos sistemas de idéias valorativas, da política e da estética.

São quatro pilares epistemológicos para o estudo da realidade da Afetividade e do conhecimento biocêntrico, sugeridos e reelaborados por F. Capra para a abordagem das organizações sociais. Para nosso entendimento, são assim instrumentos para uma abordagem sistêmica e complexa do fenômeno genético-orgânico-vivencial e racional da Afetividade, uma vez que é ela que dá o caráter primeiro e integrador de organismo vivo a qualquer organização permeada pelo amor e que estrutura todo o conhecimento.

O significado ou o sentido da Afetividade e do conhecimento na vida e nas redes de relações é captado pelas exigências naturais internas do ser afetivo, pela nossa capacidade reflexiva sobre nossas vivências e experiências, permitindo perceber que o sentido fundamental é a Integração Afetiva da Identidade na ontogênese de nosso ser, através da expressão e desenvolvimento dos potenciais humanos de criatividade existencial, da energia da vida, de conexão dos desejos mais profundos e da realização prazerosa de nossas ações. É ainda a realização das nossas conexões profundas conosco mesmo, com os outros e com a totalidade da realidade. Na troca afetiva, a possibilidade da abundância da vida em plenitude em todas suas dimensões e o fluxo do conhecimento originário de sua fonte inesgotável e permanente: a afetividade.

Segundo o que nos indica o pensamento de Capra há uma interação e uma integração íntima entre o ser individual e a organização. A própria organização que tem um processo de vínculos integradores em sua vida e atividade forma um novo organismo vivo. Essa hipótese indica certa analogia da organização com o ser individual e como tal traz em si as mesmas capacidades da vida, potencializadas no processo vivo desse novo organismo. Assim podem se potencializar as capacidades de organizações integradas na transformação do mundo. Percebemos como possibilidade de aplicação da teoria da complexidade resumida acima, na qual se destaca a idéia de

totalidade como algo dinâmico, vivo e que não representa a totalidade fechada do pensamento. Podemos aplicar aqui os chamados operadores: dialógico, recursivo e hologramático explicitados como operadores do processo do pensamento mediante uma totalidade aberta

Enquanto o grupo reflete sua ação, reorganiza as relações, identifica valorativamente o que é importante para ele, se sensibiliza pela beleza da qualificação mútua, e indica os referenciais para suas relações políticas, está construindo o significado conceitual, axiológico, estético e político do grupo. Tudo isso constitui o conhecimento que aponta para os horizontes do grupo em momentos de paz e em momentos de crise e turbulências.

O sentido último, a finalidade da afetividade é o contato e o vínculo, fatos que realizam e efetivam o afeto. Sua condição originária é o potencial de realizar contato e formar vínculo. Seu movimento é o próprio encontro em si nas variações de expressão de sua natureza: no olhar, no abraço, na expressão falada, na carícia, na qualificação, no cuidado, na proteção, na segurança, na nutrição efetiva através dos gestos de amor. A expressão material disso são as teias de relação amorosa que se instalam materialmente em nós, em pares, em grupos como a família, grupos de amigos, em organizações. Sempre mais de uma pessoa. Embora uma pessoa de forma integrada, neste sentido, também cuida e ama a si mesma. A finalidade do afeto se efetiva na satisfação dessas relações como um valor fundamental da vida, sem o qual nada se move e nada existe. A amorosidade é a característica fundamental da vida. Sua realização é condição de integração e de efetivação das capacidades criativas, das possibilidades de viver o prazer, de ativar a capacidade de movimento e saúde, enfim, a capacidade de integração consigo, com o outro e com o cosmo. No processo vivo dessas relações se constitui o conhecimento que explicita e indica os caminhos, ou seja, o sentido, a finalidade.

Juntamente com a afetividade se realiza a finalidade última do conhecimento pedagógico biocêntrico, um conhecimento centrado na vida, onde a afetividade perpassa todas as suas etapas, emana como sua fonte de motivação, como sua base estrutural, como sua nutrição e dá sentido a qualquer processo e dinâmica pedagógica que

visa o saber biocêntrico. Uma dimensão dessa realização da finalidade do conhecimento pedagógico biocêntrico é a conexão com a realidade através da razão permeada pelo afeto. Isto suscita formação de novos conceitos articuladores como “inteligência afetiva. Nisso está integrada a subjetividade humana que atribui valor e sentido a esse conhecimento como conexão com a realidade, como um dos alicerces da mobilização ética, como possibilidade de contato e de expressão da estética da vida. O encontro integrado e biocêntrico com a natureza, consigo mesmo e com o outro é uma poética. Enfim, conhecimento e vida se juntam: conhecer é viver, viver é conhecer (MATURANA E VARELA).

Então, a finalidade configurada no pensamento pedagógico biocêntrico é retomar sensações de atração, despertar emoções de vínculo, incorporar sentimentos de amor, desfrutar a beleza, mobilizar para o cuidado ético, comunicar e ensinar a operacionalidade do saber técnico na transformação do mundo, delinear os horizontes éticos da ação política, levar à compreensão do ser, transmitir e recriar a tradição, mergulhar no sentido místico possível na vivência integrada.

A Educação Biocêntrica é uma tendência evolucionária que tem por objetivo a integração da pessoa orientada pela sua autoconsciência constituída em suas relações com os outros, gerando condições para expressão e desenvolvimento de seus potenciais instintivos estimulados por sua vinculação com a vida, expressa em sua relação consigo mesmo, com o outro e com o meio. Ela desperta a expressão do Ser através de seus instintos originais e gregários determinados biologicamente, condicionados e sufocados pela cultura vigente na negação dos sentimentos, na dissociação corporal, nas relações dicotômicas.

A Educação Biocêntrica tem por objetivo a vivência de princípios que emergem da própria vida em função de sua sacralização. Nossa intenção é destacar os aspectos que elucidam a teoria do conhecimento. Destacamos e comentamos abaixo o que nos diz Marcos Cavalcante em suas reflexões pedagógicas e filosóficas:

O Princípio Antropocêntrico é a essência epistemológica do pensamento moderno e que estrutura todo nosso modo de ser, de

viver e pensar no ocidente. O Princípio Biocêntrico é a essência epistemológica vivencial da Biodanza, da Educação Biocêntrica. O universo é compreendido como um sistema vivo, organizado para vivências orientadas para sua evolução, evolução que flui através de princípios norteadores dessa consciência unitária (vida), com suas regras e mecanismos de interação, que só se conhece estando profundamente vinculado a ela pela expressão integrada de nossa dimensão espiritual, cognitiva, afetiva, motora e que dão expressão ao nosso instinto (CAVALCANTE, 2001:94).

Ruth Cavalcante nos afirma que a construção do conhecimento “orientada pelas linhas de vivência aumenta a auto-regulação, a vitalidade geral, a descoberta do prazer, a exaltação criativa, a capacidade de vínculo e a integração com a totalidade, o processo de integração induz a estados de plenitude” (CAVALCANTE, 2001:94).

E nossa mestra conclui dizendo o que vem a seguir.

Quero cultivar a alegria e despertá-la nos meus educandos, por vezes tão desacostumados a exercitá-la. Quero dizer para eles e para mim que a alegria é maior manifestação de amor à vida... me alegro com aqueles que estão dando vida a essa teoria na sua ação transformadora da educação”. Para ela a Educação Biocêntrica é uma roda de comunhão interconectada entre todos os que acreditam que o sentido evolutivo da vida é movido pela energia amorosa, e que o amor é uma força que tudo agrega (CAVALCANTE, 2001:67-68).

Assim os círculos de cultura de Paulo Freire se tornam círculos de encontro em Educação Biocêntrica e em Biodanza. Falamos de um conhecimento recheado de alegria porque ele é também expressão da vida!!!!

“Conhecimento é vida e vida é conhecimento”
diz o CIENTISTA poeta.
O conhecimento de que falamos
É vivo.

Ele se nutre, passa necessidades,
Se movimenta e repousa,
Se interconecta,
Balança ao vento,
Sente a poesia e
Se esculpe no leito do rio,
Nas ondas do mar.
Se eterniza na memória das nossas células,
Se insinua na dança cósmica,
Se ultrapassa,
Se integra e se retoma no caos.
Ele cheira, ouve, fala e se avoluma no silêncio.
Passeia nos olhares,
Se intensifica no peito,
Explode no dançarino
Que se torna a própria dança!

A finalidade da Educação Biocêntrica, do Pensamento Pedagógico Biocêntrico e da afetividade somente se concretizam quando o *processo de aprendizagem (...) se dá efetivamente se for alimentado pelo prazer do aprender e pelo sabor do saber* (FLORES, 2006). Assim também quando se estabelece o vínculo entre educador-educando, educando-educando, protagonistas da aprendizagem, as estruturas cognitivas são fortemente impulsionadas.

Quando a educação integrada inclui o cultivo das forças instintivas que são organizadoras e conservadoras da vida e o processo de desenvolvimento individual assume a corporeidade como ponto de partida e o movimento humano pleno de sentido como expressão de presença no mundo. A finalidade essencial da Educação Biocên-

trica se efetiva na construção da autonomia, na expressão e desenvolvimento da identidade.

Em resumo:

O Educador é aquele que promove a expressividade dos potenciais genéticos do educando possibilitando sua manifestação como valorização e amor pela vida em geral, como descoberta do sabor do saber e do prazer do viver, como curiosidade permanente e exaltação criativa, como afetividade e solidariedade, e como integração com o mundo em que vive (FLORES, 2006)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da ontologia biocêntrica o ser humano se constitui evolutivamente numa antropogenese que parte dos potenciais genéticos em integração com o meio. Em interação com os ecofatores, desencadeia um processo auto-poiético, circular recursivo(espiral) e integrador por meio dos princípios da vida. Isto resulta num permanente processo de conhecimento, cujos resultados constituem a materialidade desse saber. Então tudo ganha sentido, toda ação tem uma finalidade marcada pela vida e sua expressão. Os conhecimentos resultantes do processo da vida são o referencial conceitual, ético, estético e político que orienta a força mobilizada em nosso ser.

O modelo de homem que se configura na construção do conhecimento biocêntrico é o seguinte: Um ser relacional, ecológico e cósmico, sua identidade se constitui na sua relação consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Os potenciais genéticos em interação com o meio se articulam nele por princípios de vida: A força da vida do universo em movimento se expressa no homem como vitalidade, como dança do ser, como pulsação de ação e de repouso. Nosso corpo é uma analogia com o universo. A tendência reprodutiva da vida no universo, como autopoíese (MATURANA), surge no homem

como sexualidade, ligada ao instinto de desejo e sua expressão no prazer (de toda a ação expressiva e integradora). O processo expansivo e criativo no universo se expressa no homem como criatividade, irresistível força de investigação e expressão criativa, criatividade existencial.

O universo em processo de integração negentrópica crescente ultrapassa a entropia e se expressa no homem como afetividade despertada no contato, concretizada no vínculo e todas suas formas de expressão corporal. A tendência de integração cósmica crescente se expressa no homem como transcendência efetuada por sua conexão íntima consigo mesmo, pela fusão com o outro e pela integração profunda com o universo.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO Nicola, Dicionário de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1960

APOSTILA AFETIVIDADE. Curso de Formação Docente em Biodança – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation.

CAPRA, F. *A teia viva: Uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002

CAVALCANTE, R. A Educação Biocêntrica: dialogando no círculo de cultura. WWW.pensamentobiocentrico.com.br 2008

CAVALCANTE, Ruth e outros – Educação Biocêntrica – Um Movimento De Construção Dialógica. Fortaleza: Edições CDH, 1999.

CAVALCANTE, Ruth. *Educação Biocêntrica: aprofundando e ensinando a pedagogia do encontro*. Cadernos Rolando Toro: vivenciando a biodança n. 1 2004

CAVALCANTE, Ruth. Et alii, Um movimento de Construção Dialógica. Fortaleza: Edições CDH, 2001.

FLORES, Feliciano E. V. Educação Biocêntrica – aprendizagem visceral e integração afetiva. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2006.

FLORES, Feliciano. Por uma educação centrada na vida. Revista Pensamento Biocêntrico, p. 41-58 www.biodanza.com.br/revista

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA Carlos, Biodanza: El arte de danzar La vida. La vivência como terapia. Buenos Aires: 2008.

GOIS, Cezar Wagner de Lima – A Vivência – caminho à identidade. Fortaleza:Edições Viver, 2003.

MORIN: Videoconferência.

TORO, Rolando – Biodanza. 2ª Ed. São Paulo: Olavo Braz, 2005.

TORO, Rolando. Biodanza. São Paulo: Editora Olavobrás / EPB, 2000

TORO, Rolando. *O Princípio Biocêntrico. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro*. Interational Biocentric Foundation.sd

ZANOTELLI, J, DALLA VECCHIA, A., ZANOTELLI, R, RS: Arquétipos culturais e desenvolvimento social. Pelotas: Educat, 2001